

A glorificação duma grande Artista

No Teatro Rivoli, com um publico escolhido e distinto, o sr. dr. Joaquim Costa, eminente critico de arte, faz, em nome do Porto, a consagração da nossa maior Violoncelista

No palco do «Rivoli», rodeada de illustres individualidades portuenses, Guilhermina Suggia espera... Não sabe, não suspeita o que se prepara. Vive no culto da sua Arte — e no culto das suas raras discipulas. Relanceamos os olhos pela Comissão de Honra. Nomes amigos, nomes conhecidos, nomes sonoros — nomes com nome. Dos criticos de arte — três dos maiores, drs. Alberto Brochado, Aarão de Lacerda, Carlos Passos, Teixeira Lopes, de barbas apostólicas, Cavaleiro da Legião de Honra, conversa com o sr. dr. Carteador Mena, — que, mártir da sua dedicação á humanidade e á ciência, se apaga discretamente, deixando só para a esposa a apoteose inolvidável. Freitas Gonçalves, o Director illustre do nosso Conservatório, Luiz Costa, compositor e professor de grandes méritos, Hernâni Torres — grande em qualquer parte do mundo — não faltam. Jornalistas e homens de letras estão dignamente, brilhantemente representados. O alto-comércio e a grande industria mostram que são sensíveis á verdadeira arte. Um nome que tem caracter pelo que representa de probidade moral e social — o de Castro Lopes.

Na Comissão estão também senhoras. Uma delas, a menina Maria Alice Ferreira, é das primeiras a firmar o Auto da homenagem.

Então, feito silencio, cada um no seu lugar, o Teatro repleto, o sr. dr. Joaquim Costa, director illustre da Biblioteca Municipal, escritor eminente, adianta-se até ao proscenio — e começa a sua saudação.

Só quem, como nós, assistiu á gestação desse discurso — pôde senti-lo, compreendê-lo e admirá-lo. Duas horas antes — o sr. dr. Joaquim Costa não sonhava sequer com a possibilidade de ter de falar em publico nessa noite! E o critico sereno e imparcial, que foge ás improvisações, sempre perigosas, não se esquivou, desta vez, porque o nome de Suggia é um imperativo categórico. Acedeu. Falou. E o seu verbo, de persuasiva eloquência, fulgurante, traduziu, com verdade e com belesa, aquele momento unico — aquele momento inolvidável.

Vamos ouvi-lo?

—Direi algumas palavras ligeiras, muito singelas. Suggia, uma glória Europeia, dispensa o verbalismo estéril e formal.

Disserta sinteticamente sobre essa grande e fulgurante individualidade artistica. De origem italiana, com sangue espanhol nas veias, possivelmente alguns globulos de sangue arabe — é nossa, nasceu no Porto, tem sangue português, é portuguesa!

Frementes aplausos.

Refere-se á sua arte de reflexos divinos:

—Suggia tem a paixão do mar. Na sua arte, palpitante, ha um anseio permanente de belesa. A sua arte é toda inquietação e angústia.

Lembra o conceito dum eminente critico inglés, que, escrevendo num dos poderosos quotidianos Europeus, disse, falando de Suggia: «Ela não é só uma «virtuosi», — é uma grande personalidade humana.»

Comenta:

—Esse juizo, lapidar, é perfeito, exacto.

Suggia atravessou a vida entre devoções de arte. Vive para os seus livros e para as suas flores. Ha um poeta que nunca deixa de ler, o maior de todos — Camões.

Anuncia:

—Vai inaugurar-se uma placa com o nome glorioso, imortal, de Suggia. Que todos atentem, que todos reparem nesse nome! Quando, cansada, exausta, Suggia recolher á intimidade sagrada do seu lar, — esse nome ficará, vibrando junto de nós. E os vindouros recordá-lo-ão como uma das mais lidimas glórias do nosso tempo.

Ovação.

Num repto de extraordinária eloquência:

—Ainda bem que é Portuguesa! Bemdito seja o Porto, bemdita seja a terra que gerou um ser desta grandesa!

Mais palmas — maiores e mais fortes.

O sr. dr. Joaquim Costa acentua que aquela homenagem recorda a noite gloriosa da vespera. Um publico de escol assistiu á eclosão da alma duma nova e grande artista, Maria Alice Ferreira, discipula querida de Suggia.

—Essa menina é uma extraordinária violoncelista — uma artista de natureza, de trabalho e de instinto. Uma artista de notavel precocidade.

Convido-a, em nome da Comissão promotora da homenagem, a descer a lápide que guarda, em letras de ouro, o nome imortal de Suggia.

Maria Alice Ferreira, acompanhada do pai, o industrial sr. Delfim Ferreira, e do mestre Teixeira Lopes, desce da frisa, onde, enlevada, ouvira Suggia — e descerra a lápide.

As palmas vibram durante muitos minutos. Maria Alice Ferreira aplaude com mais força do que ninguém.

«Deve estar cansada, está a magoar-se...» — dizemos-lhe. E ela, ofegante, sincera: «A aplaudir Suggia nunca me canso. Até me faz bem!»

Grande artista — maior alma, maior coração.

Suggia, num momento de silencio, pronuncia aquelas frases significativas que ontem já reproduzimos: «Agradeço-vos profundamente. Não mereço os vossos aplausos. Tudo o que fiz foi trabalhar para enaltecer o nome Português.»

Manuel dos Santos, gerente do Teatro Rivoli, adianta-se ao proscenio, lendo, em voz forte e clara, o «Auto de Homenagem»:

«Aos cinco dias do mês de Maio de mil novecentos e trinta e sete, pelas vinte e três horas na Sala de Espectaculos do Teatro Rivoli, desta cidade do Porto, achando-se presente a Comissão de Homenagem á excelsa artista portuense Guilhermina Suggia, composta do Mestre Antonio Teixeira Lopes, drs. Carlos Ramos, Carlos de Passos, Aarão de Lacerda, Alberto Brochado, Joaquim Costa, Frazão Nazareth, Joaquim de Freitas Gonçalves, Antonio Pinto Machado, Delfim Ferreira, Maria Alice Ferreira (Riba d'Ave), Francisco Manuel Fernandes Borges, Conde da Covilhã, Maximo de Carvalho, Juliano Ribeiro, Hugo Rocha, Henrique de Castro Lopes, Mario de Figueiredo, Eduardo dos Santos, Ernesto Viriato dos Passos Ferreira da Silva, e Artur Barbosa, comigo Manuel dos Santos, gerente do mesmo Teatro, como representante do Director, Manuel José Pires Fernandes, que, por motivo de falta de saude, não pôde comparecer, reuniu perante a numerosa e distinta assistencia desta memorável noite artistica, a Sessão de Homenagem para o decerramento da lápide comemorativa da passagem da insigne violoncelista por esta casa de espectáculos.

«E, para constar, se lavrou o presente auto que, depois de lido por mim em voz alta, vai ser assinado por todos que nele intervieram e pela digna assistencia que deste modo deseje prestar o devido preito a tão alta gloria nacional.»

E, depois de nova apoteose, Suggia cumprimentadíssima, dá fim ao concerto — cuja noticia critica já ontem publicamos.

Dizia-nos ontem Castro Lopes, antigo e brilhante colega, um «gentleman» pelo carácter e pelas maneiras:

—Nunca perdi um concerto da Suggia. Perdê-lo — seria um crime. Este ultimo, o concerto de ontem, no «Rivoli», foi maravilhoso. Suggia subiu mais alto do que nunca. E' caso para felicitar os que tiveram a dita de a ouvir.

Miss Tait, que ontem mesmo seguiu para Lisboa, donde embarcará para Inglaterra, em ferias, perillhou este juizo critico. Miss Tait, dedicada amiga de Suggia, tem pela sua arte um culto dogmatico.

O sr. dr. Antonio de Oliveira, distinto professor do Liceu Alexandre Herculano, que sacrificou ás Musas voluntaria e jubilosamente, compôs e mandou imprimir, em honra de Guilhermina Suggia, este soneto — que foi generosa e largamente distribuido em todo o teatro:

*O Porto espera ha tempos ansioso
A hora milagrosa, sublimada,
Na qual muito solene e repetoso
Irá ouvir a Grande Iluminada!*

*E ha-de ouvi-la hoje, venturoso
No porte de attitude concentrada.
Silencio de pasmar, religioso!
A alma enternecida, ajoelhada!*

*E' hoje que o Porto em multidão
A vai ovacionar com emoção,
Com gritos vigorosos de alegria.*

*Ao Porto só, compete em Portugal
Gravar em tipo de ouro colossal,
O nome fulgurante de SUGGIA!*

Merece louvores, os maiores louvores, o organizador do Programa dos dois concertos. E' um documento que, pelo seu cumho artistico, apetece guardar.

Ilustrado com as fotografuras de Manuel Pires Fernandes, Empreendedor e Director do Teatro Rivoli; Pedro de Freitas Branco — Maestro Director da Grande Orquestra Sinfonica da Emissora Nacional — Guilhermina Suggia, Maria Alice Ferreira e Manuel dos Santos — o estimado gerente do Teatro — esse programa, impresso em bom papel, com uma capa feliz, insere preciosas notas executadas e coligadas por Luiz Reis Santos — um jornalista e um artista. Uma referencia a este nobre esforço, quando mais não fosse como estímulo, era imperativa.

Corbeilles e bouquets oferecidos a Guilhermina Suggia

Miss Muriel Tait, M.lles Maria Alice Ferreira e Maria de Lourdes Monteiro, D. Ernestina de Silva Monteiro e irmãs, D. Filomena Nogueira de Oliveira, D. Fernanda Van Zeller, D. Madalena Costa, Miss Fernister, D. Maria Fernandes Borges, D. Maria Adelaide Freitas Gonçalves, sr. Joaquim Freitas Gonçalves, Mrs. Danvers, D. Isaura Monteiro de Brito, Mr. e Mrs. Alexander, Gardenia, Mrs. Glennie Rawes, sr. Albino Guimarães, Um grupo de 52 discipulas de M.lles Carolina, Ernestina e Maria José da Silva Monteiro